

Sonetos

Farol das Letras

Pandemia

Confinado por lei todo o país,
O mundo parecia desabar.
Valeu certo *Layoff* a mitigar
Infortúnio atroz que ninguém quis.

Debatem-se os heróis neste infeliz
Degredo, decididos a tentar,
Entre marés de tão revoltoso mar,
Zelosos, socorrer almas febris.

Ante tão tenebroso apocalipse,
Nunca suma esperança esmoreceu.
Oh suprema graça da causa humana!

Vaticínio: peçonha sem eclipse!
Em guarda!, que ainda não nasceu
Vacina da ciência soberana.

20 julho 2020
MANUEL MARIA

Ingratidão

Por entre um turbilhão de sentimentos
Alucinados, não sei o que sinto
Ou o que mais magoa: labirinto
Fatal de tormentosos pensamentos.

À deriva com meus constrangimentos,
Afogo a mágoa em travor d'absinto:
Tolda-me a névoa dum tal tempo extinto,
Troveja a alma com aviltamentos.

Exaurido do sonho inacabado,
Rebelei-me, gritando em alto brado
Contra o caminho errado da ambição.

Não fui ouvido, não. Que pouco siso!
Agora, o esgar de meu sorriso,
Infeliz por tamanha ingratidão.

05 janeiro 2010
MANUEL MARIA

Pessoa

Um brilho de diamante facetado
Estilhaçou teu Eu: imerso em drama,
Foi teu desassossego amarga trama
Com que se tece um mundo retalhado.

Viveste, qual danado, esse teu mundo,
Ara em que avultam máscaras de gente.
Fingiste tudo o que o poeta sente,
Mestre insigne de espírito fecundo.

De Vieira discípulo, brotou
Em ti, de novo, o quinto e sacro império,
Alma egrégia dum novo Portugal.

Cumpriu-se a prece e o mito te sagrou.
Ergue-se em sublime aura de mistério
Ode épica – Mensagem triunfal.

23 Outubro 2003
MANUEL MARIA

Cesário

Verde: do campo amante, é na crua
Cidade de Ulisses peregrino;
E, com exato e terso alexandrino,
Ergue uma catedral em plena rua.

Se na visão de artista se insinua
Inaudito labor - oh logro! -, hino
Amargo é: cruel, fatal destino
Que do vate persegue a alma nua.

Tanta soturnidade em si derrama!
Anelo delirante de sofrer
Por todos os humildes sem ventura.

Flameja sua voz como uma chama
Que arde num ritual a requerer
Justiça às vítimas de sina obscura.

29 Outubro 2003
MANUEL MARIA

Castro

Rainha por amor depois de morta,
Foi teu fado cruel, ó linda Inês.
Algoz sem coração foi o que fez
Bater o negro luto à tua porta.

Derramou Pedro, rei de teu destino,
Lágrimas que o Mondego engrossou.
Pilatos foi Afonso que endossou
Sentença tão atroz - que desatino!

Teus filhos te perderam em tenra idade:
Órfãos de amparo, órfãos de ternura,
Que os não salvou o avô da crueldade.

Rosa encarnada, pérola a mais pura,
Não mataram teu mito, que és deidade,
Castro, do casto amor que o tempo apura.

24 Abril 2003
MANUEL MARIA

Poesia

De que és feita tu, ó poesia?
Tu, magia inefável que devora
A alma do poeta a cada hora?
Deslumbramento, encanto ou agonia?

Enleias o sonhador em tal tormento,
Que jorra em tempestade de emoção
A chama harmoniosa, aparição
Que luz, qual sinfonia solta ao vento.

E na ordem ou desordem de seu verso,
Se espalha sua angústia amargurada,
Fratura de um eu sempre disperso.

Tua essência é palavra joeirada
Num crivo de sons, mágico e terso:
Fremente luz, sublime ara sagrada.

08 Out. 2000
MANUEL MARIA

Antero

Não buscaste na vida glória ou fama!
De dúvida e de incerteza ergueste altar
Em vagas construído de iroso mar
Onde naufragou tua alma tamanha.

Na lira de teu canto, a Razão clama
Justiça e Igualdade. Sopra o ar
O vento da Verdade a escutar:
Trindade de um irmão que em ti derrama.

Cavaleiro andante desventurado,
Teu corcel foi de nada, negro e fero.
Se nem na mão de Deus tu, deserdado,

Encontraste tal paz com tanto esmero,
Afugenta de mim esse teu fado,
Meu grande mestre, oh, meu santo Antero.

09 Out.2000
MANUEL MARIA

Cantando espalharei neste soneto

Cantando espalharei neste soneto
Um amor cristalino, noite e dia,
Deslumbramento, até melancolia,
Da água que brota pura do lajedo.

Meus olhos navegam em sonho aberto
Recolhidos no abrigo de teu corpo;
Naufragam e é ele seguro porto,
Não mais há distante, apenas perto.

Nesta onda desvanece a solidão,
Qual mar com cais apenas de chegada,
Meu rubi, meu eterno coração.

Joia preciosa, fresca madrugada,
Ainda em bruto flameja esta paixão
Que em teus lábios quero ver derramada.

04 Fev.1988
MANUEL MARIA

Horrenda hora enchendo o ar noturno

Horrenda hora enchendo o ar noturno
Em que dormitam almas sossegadas;
Funéreo dobre, tristes badaladas,
Desassossego meu se ainda durmo..

O ar exala minha busca interna,
Perpétua dúvida dum ser exangue:
Da razão pura, solta-se meu sangue
Envolto em sombras de descrença eterna.

Voz insegura, teia duma era,
Efémero onírico de infinito,
Trilhos tão desviados da verdade.

O génio esvai-se então nessa quimera
Dum mundo outro ainda não dito
E renasce a plangente crueldade.

02 Mar.1988
MANUEL MARIA

Ausência minha, desconcerto meu

Ausência minha, desconcerto meu,
Chama que desvanece num só tempo;
Em grande nau navega este tormento,
Arde no mesmo fogo Prometeu.

Ressurge a noite, estranho santuário,
Num deserto de tanta claridade;
Resta ainda a vereda da saudade
Onde humano ser voga solitário.

Inerte paira além o meu degredo,
A poente da fonte da loucura,
Qual eco lancinante dum possesso.

Se perto habita a luz, é um segredo...
E então a mente sã em vão procura.
Se ainda não parti, porque regresso?

08 Mar.1988
MANUEL MARIA

No momento plangente da verdade

No momento plangente da verdade,
Desalenta minha alma entristecida;
Reúno meus pedaços à partida
E leveda o fermento da saudade.

A sede que já sinto da amizade,
Desses imensos mundos recebida,
Eterniza esta voz desfalecida
Em cristalinos sóis de liberdade.

Mordaz cresce o silêncio: porventura
Volátil morbidez sempre à deriva,
Este tempo sem sal de que me queixo.

Contudo, nesta hora de tristura,
Uma réstia de luz, embora esquiva,
Dá vida aos estilhaços que aqui deixo.

01 Abril.1988
MANUEL MARIA

Renascer já das cinzas por ventura

Renascer já das cinzas por ventura
De não serena paz... Encandescete,
Efémera, inconstante, esta nascente
Que lacrimeja ainda a desventura.

Se penso, já não sinto... Razão pura
É esta de estar só minha alma, crente
Nessa outra divindade florescente,
Canto de cisne... Lírica aventura...

Remexo nas entranhas da vontade,
Adormecida réstia de memória,
E solta-se esta voz na gravidade:

Grite-se ao vento ínclita vitória!
Estreme luz – divina claridade –
De versos imortais, perene a glória!

15 Nov.1988
MANUEL MARIA

Parente da volúpia, marchetada

Parente da volúpia, marchetada,
Seduz a vil lascívia a razão pura;
Se naufraga no mar dessa loucura,
Agoniza minha alma amargurada.

Em vão suplico a paz neste tormento,
Nascente de gangrena da luxúria;
Emerge em sobressalto uma lamúria
E à fonte de Hipocrene vou sedento.

Se a água cristalina então brotar,
Apago o vão passado da lembrança...
Para sempre os pecados são imersos.

Seráfica paixão sonho abraçar,
Qual ilusão onírica de criança...
Inflama o fogo sacro estes meus versos.

14 Mar.1988
MANUEL MARIA

Num leve devaneio toca a flauta

Num leve devaneio toca a flauta
Sua dolente música bucólica;
Desenha-se a figura melancólica
Que se esbate nas linhas desta pauta.

Busca eterno refúgio na altura
Da sublime emoção do fogo sacro;
Porém é sua voz um simulacro
Neste jardim de mágoas que perdura.

Mas já ferosa luz se ergue e voa,
Sem mais lamentações em si envoltas,
Num mistério de tempos sem sinais.

E se ao longe a palavra ainda ecoa,
Vejo de minhas asas penas soltas
Em sons que quero etéreos...imortais.

07 Abril 1988
MANUEL MARIA

Soneto

À memória de meu pai

Pudesse eu libertar este sufoco
Que dilacera a alma lentamente...
Se cuido que é um sonho tão somente,
Acende-se a verdade, aumenta o fogo.

Arde minha ansiedade (triste filho
O que vê a agonia de seu pai)
Numa chama apagada sem um ai,
Garganta estrangulada sem fitilho.

Pudessem estes versos perecer
Nas águas mais profundas da lembrança
E dar vida ao querido moribundo...

A Fé acenderia em meu ser,
Agarrado à mais ténue esperança,
A Luz da Vida, a Chama deste mundo.

18 Abril 1988
MANUEL MARIA

Nota: publicado no jornal *Letras & Letras*, de 1 de Junho de 1988.